

CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA CRESCER 1,4% EM JULHO

DEMANDA INDUSTRIAL CONTINUA REPRIMIDA

O consumo nacional de eletricidade na rede atingiu 35,9 mil gigawatts-hora (GWh) em julho de 2012, um crescimento de 1,4% em relação ao mesmo período do ano anterior. Enquanto a classe residencial apresenta desempenho modesto, o segmento de comércio & serviços mantém ritmo forte e sustentado de crescimento. A indústria registra queda pelo segundo mês consecutivo.

INDÚSTRIA. O consumo de energia elétrica do setor industrial brasileiro registrou queda pelo segundo mês consecutivo. Em julho, o consumo das indústrias caiu 1,6% comparativamente ao mesmo mês de 2011, com resultados negativos em três das cinco regiões brasileiras, excetuando-se o Sul e o Centro-Oeste. Na série dessazonalizada, houve retração de 0,6% frente ao mês imediatamente anterior, recuo inferior ao registrado na passagem de maio para junho (-1,9%) (ver gráfico).

Os indicadores de atividade econômica corroboram este desaquecimento, evidenciando a fraca produção industrial. A Pesquisa Industrial Mensal do IBGE revelou que a queda de 5,5%, registrada em junho, foi a décima consecutiva e ocorreu em 13 dos 14 locais pesquisados. Na sondagem realizada pela CNI, o cenário de desaquecimento da atividade industrial, sentido no primeiro semestre, permaneceu em julho. O nível de utilização da capacidade instalada da indústria brasileira continuou abaixo do usual e houve acúmulo indesejado de estoques, pela terceira vez consecutiva.

No Sudeste, o consumo industrial caiu 2,5% frente a julho de 2011, a terceira queda seguida na região. Houve redução nos mercados de São Paulo (-2,8%) e Minas Gerais (-5,2%), refletindo a perda de ritmo que a produção industrial tem apresentado em ambos os estados. Em Minas Gerais, os setores da cadeia da metalurgia seguem com desempenho fraco, assim como no Espírito Santo, onde a taxa de crescimento foi de apenas 0,4%. Por outro lado, no Rio de Janeiro houve expansão de 8,6%, ainda que por conta de uma base de comparação deprimida.

No Norte, a retração em julho foi de 5,8%, ocasionada em grande parte pelo menor consumo dos setores de alumínio e ferroligas no Pará. Vale ressaltar que também houve queda de 4,0% no consumo industrial no Amazonas, representado quase que integralmente pelas atividades no Polo Industrial de Manaus, onde foram anunciadas férias coletivas para a força de trabalho de duas grandes indústrias do ramo automotivo.

CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE

	CONSUMO CATIVO			CONSUMO LIVRE		
	TWh	Δ %		TWh	Δ %	
julho	25,9	-0,4	▼	10,0	6,1	▲
12 meses	324,9	3,0	▲	117,6	6,5	▲

No Nordeste, o consumo industrial caiu 3,4%, bastante influenciado pela expressiva retração da produção de alumínio no Maranhão, estado onde o consumo da classe foi 17,9% menor que em julho de 2011. Também influenciou o menor ritmo da produção de indústrias dos setores químico e metalúrgico na Bahia, onde o recuo do consumo industrial foi de 0,6%.

As regiões Sul e Centro-Oeste foram as únicas que apresentaram variação positiva frente a julho de 2011. No Sul, apenas no Rio Grande do Sul houve retração no consumo industrial (-3,1%), apesar da variação registrada no Paraná também ter sido modesta (+1,3%). No Rio Grande do Sul, a forte estiagem, que causou quebra de safra de diversas culturas, acabou por afetar também a atividade da indústria.

No Centro-Oeste, a expansão foi significativa, de 13,9%, ainda por efeito da entrada, ao longo de 2011, de importantes cargas do setor extrativo e metalúrgico em Goiás. Apenas no Distrito Federal o consumo industrial recuou, porém como sua participação no total da região é pequena (menos de 10%) não causou impacto significativo no resultado regional. ■

Brasil. Consumo industrial de energia elétrica (TWh)



AINDA NESTA EDIÇÃO:

2 | RESIDÊNCIAS E COMÉRCIO & SERVIÇOS

Análise do consumo mensal

3 | ESPECIAL

Consumo no Nordeste cresce acima do país

4 | ESTATÍSTICA DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA

Julho 2012

COMÉRCIO & SERVIÇOS

CONSUMO EXPANDIU 6,6%, E FOI O MELHOR DESEMPENHO ENTRE AS CLASSES

O ritmo de crescimento do consumo de eletricidade da classe comercial mantém-se forte: o aumento no acumulado até julho (+7,3%) encontra-se bem acima do que foi alcançado em mesmo período do ano passado (+6,0%).

Contudo, desde março a classe comercial não apresentava crescimento abaixo de 7%. Esta menor elevação é de se esperar, em virtude da própria sazonalidade do setor aliada a um longo ciclo de forte expansão, e parece indicar que a entrada de novos investimentos no setor comercial está acontecendo mais suavemente. Este movimento pode ser sentido na análise da evolução da base de unidades consumidoras: em julho de 2011, foram incluídas 214 mil novas unidades consumidoras, resultando em ampliação de 4,4%. Já em julho último, o número de novas unidades foi de 150 mil, um crescimento de 3,0%.

A dúvida por parte do empresariado quanto ao comportamento adiante da demanda doméstica, como demonstra o Índice de Confiança do Comércio da FGV ainda em queda, pode estar postergando novos investimentos no setor.

A atividade no setor, que se mostra intensa, parece não ter sido afetada por preocupações quanto ao nível de endividamento das famílias. Vale destacar também que o alto volume de vendas nos segmentos de móveis e eletrodomésticos e de automóveis tem sido impulsionado por medidas de estímulo, como a desoneração do IPI.

No estado de São Paulo, por exemplo, o crescimento de 2,9%, ocorreu por temperaturas menos elevadas e por diferenças no ciclo de faturamentos em algumas distribuidoras. Estes efeitos levaram a um crescimento de 5,7% na região Sudeste, com Rio de Janeiro (11,6%) e Espírito Santo (11,6%) crescendo bem acima da média nacional, e Minas Gerais se igualando.

O mercado no Nordeste avançou, passando, no acumulado 12 meses, de 7,3%, em junho, para 7,6%. No mês, destaca-se o aumento de 8,2% no consumo em Pernambuco.

A região Centro-Oeste (9,4%) apresentou o melhor desempenho entre as regiões, puxada por Mato Grosso (14,6%) e Goiás (13,5%).

O consumo comercial aumentou 7,7% na região Norte. E, na região Sul, verificou-se crescimento de 6,3%. ■

RESIDÊNCIAS

MODESTO DESEMPENHO DA CLASSE RESIDENCIAL EM JULHO

Levando-se em consideração a sazonalidade típica do consumo residencial, já se esperava um crescimento em julho bem inferior ao verificado nos quatro meses anteriores, algo em torno de 2,5% a 3,0%. Nesse sentido, vale ressaltar que o consumo nas residências, ao longo do ano anterior, teve sua maior expansão justamente no mês de julho (8%), refletindo-se em base de comparação elevada.

Ainda assim, a taxa de crescimento de 1,7%, sobre julho de 2011, surpreendeu negativamente. Em várias regiões do país, tanto efeitos de calendário (menos dias de faturamento) quanto de temperatura tiveram sua parcela de contribuição para esse modesto desempenho da classe residencial.

Por sua vez, o número de ligações residenciais cresceu 2,5% no mês, resultando em um consumo médio residencial 0,8% inferior ao valor de julho do ano passado. A maior queda do consumo médio ocorreu na região Sul (-3,6%), seguida pelo Sudeste (-0,8%).

Em especial, no Sul, o resultado verificado sofreu o efeito estatístico da comparação com a base alta de julho do ano anterior, quando o consumo residencial na região cresceu fortemente (+8,8%, a maior taxa para o mês de julho desde 2005). De fato, em julho de 2011, o frio intenso elevou o uso de equipamentos de condicionamento de ar também utilizados, nos meses de inverno, para aquecer o ambiente. Na região, só o estado do Paraná registrou variação positiva (+0,8%). Observa-se que, em 2012, o inverno não está muito frio.

O consumo residencial no Nordeste cresceu 3% no mês, patamar bem abaixo do verificado no acumulado do ano até julho (+6,2%). Esse comportamento do consumo já era esperado em função da sazonalidade típica e foi observado em praticamente todos os mercados na região, com exceção de Alagoas, onde temperaturas mais elevadas contribuíram para o aumento de 5,1% no consumo, acima da expansão acumulada no ano para o estado (+2,9%). Na Bahia, principal mercado regional, em função do ciclo de faturamento menor, o consumo também ficou aquém (-2,6%) do registrado em julho de 2011.

No estado de São Paulo, que representa 32% da classe residencial do país e 62% do consumo residencial da região Sudeste, não houve variação no consumo em relação a julho de 2011. Temperaturas mais baixas e menos dias faturados, em algumas concessionárias de distribuição do estado, influenciaram este resultado. ■

ESPECIAL | NORDESTE

CONSUMO NO NORDESTE CRESCE ACIMA DO PAÍS

O forte crescimento, no acumulado do ano, das classes residencial (+6,2%) e comercial (+9,1%), especialmente em alguns estados nordestinos, pode ser visto como parte de uma conjuntura, na qual programas sociais associados a uma série de investimentos têm impulsionado o desenvolvimento econômico na região.

Desde o início do ano, o consumo de energia elétrica no Nordeste, que responde por 17% do total do país, expandiu 5,8%, superando o desempenho nacional de +3,8%. O mesmo ocorreu para as classes industrial, residencial e comercial (ver tabelas), cujas taxas para o conjunto do país foram respectivamente de 0,9%, 4,6% e 7,3%, e, para a região Nordeste, de 1,2%, 6,2% e 9,1%.

O consumo médio residencial na região (108 kWh/mês) se encontra abaixo da média nacional (158 kWh/mês). No Nordeste, a classe residencial registra impacto relevante do Programa Luz para Todos (LpT) e significativa parcela de consumidores residenciais são classificados como "Baixa Renda", se beneficiando da Tarifa Social de Energia Elétrica. Na região, este segmento totaliza 35% dos consumidores residenciais, enquanto que nacionalmente esta participação é de 14%.

Quanto ao LpT, situam-se na região 49% das residências conectadas à rede de energia elétrica no âmbito do programa, desde a sua criação em 2004. Porém, observa-se que, em decorrência de um maior acesso e uso de eletrodomésticos, houve um encurtamento da distância entre o padrão nordestino de consumo e o padrão nacional.

Nota-se considerável avanço da participação do Nordeste no total de recursos desembolsados

Tabela 1. Consumo total (GWh)

Estado	Acumulado		Participação (%)
	Jan-Jul	Varição (%) 2012/2011	
BA	12.626	3,8%	29%
MA	6.800	-1,5%	16%
PE	6.879	6,0%	16%
CE	5.620	11,3%	13%
RN	2.785	7,3%	6%
PB	2.641	8,2%	6%
AL	2.561	18,0%	6%
SE	2.120	6,2%	5%
PI	1.476	11,8%	3%
Total	43.507	5,8%	100%

Tabela 3. Consumo industrial (GWh)

Estado	Acumulado		Participação (%)
	Jan-Jul	Varição (%) 2012/2011	
BA	5.449	0,2%	33%
MA	4.353	-7,7%	26%
PE	1.808	5,9%	11%
CE	1.359	4,0%	8%
AL	1.138	35,6%	7%
SE	911	4,6%	5%
PB	808	6,0%	5%
RN	708	-1,1%	4%
PI	161	19,8%	1%
Total	16.695	1,2%	100%

Tabela 2. Consumo residencial (GWh)

Estado	Acumulado		Participação (%)
	Jan-Jul	Varição (%) 2012/2011	
BA	3.263	3,7%	26%
PE	2.355	2,6%	19%
CE	1.897	10,0%	15%
MA	1.273	12,2%	10%
RN	952	7,6%	8%
PB	839	6,3%	7%
PI	643	13,0%	5%
AL	622	2,9%	5%
SE	529	4,9%	4%
Total	12.371	6,2%	100%

Tabela 4. Consumo comercial (GWh)

Estado	Acumulado		Participação (%)
	Jan-Jul	Varição (%) 2012/2011	
BA	1.783	5,5%	27%
PE	1.350	9,7%	20%
CE	1.071	11,0%	16%
MA	544	12,5%	8%
RN	532	6,0%	8%
PB	440	11,2%	7%
AL	372	10,0%	6%
PI	317	16,1%	5%
SE	306	10,0%	5%
Total	6.714	9,1%	100%

anualmente pelo BNDES, que passou de 8% em 2008 para 13,5% em 2011. Entre outros, estão em desenvolvimento na região projetos em infraestrutura social e urbana, em geração de energia e em transportes.

O incremento da renda familiar e o avanço do emprego que foram proporcionados por tal conjuntura fortaleceram o mercado regional, contribuindo para a entrada de outros investimentos na região, gerando ainda mais empregos, inclusive com maiores salários. Dados do Caged/MTE mostram que os setores de comércio e de serviços têm sido bastante favorecidos: dos mais de 266 mil novos postos criados no Nordeste nos últimos 12 meses, 76% atenderam estes setores. Nota-se que em 2011, esta parcela já havia sido de 64%.

Toda essa dinâmica amenizou em alguns estados a condição de baixa atividade industrial no país, como se percebe no consumo industrial de energia elétrica nos estados do Ceará, Pernambuco e Piauí, que cresceram acima da taxa nacional (0,9%) e superaram até mesmo o desempenho regional. No entanto, o quadro não é uniforme para todos os estados (tabela 3). O desempenho na Bahia, maior mercado na região, é representativo do desaquecimento da atividade industrial. No Maranhão, o consumo da classe industrial reflete em grande parte o baixo crescimento na produção de alumínio no país.

Já a taxa muito elevada registrada em Alagoas, decorre da base deprimida em 2011, quando uma sequência de imprevistos nos primeiros meses do ano (interrupção do fornecimento de energia elétrica e acidente industrial) comprometeu a produção do ramo químico. ■

ESTATÍSTICA DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM JULHO			ATÉ JULHO			12 MESES		
	2012	2011	%	2012	2011	%	2012	2011	%
BRASIL	35.901	35.419	1,4	259.331	249.871	3,8	442.494	425.996	3,9
RESIDENCIAL	9.283	9.128	1,7	68.075	65.094	4,6	114.951	110.026	4,5
INDUSTRIAL	15.192	15.436	-1,6	106.523	105.554	0,9	184.544	182.335	1,2
COMERCIAL	6.027	5.654	6,6	45.742	42.627	7,3	76.597	71.588	7,0
OUTROS	5.400	5.200	3,8	38.991	36.595	6,5	66.401	62.047	7,0
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	639	596	7,3	4.404	3.989	10,4	7.623	6.997	8,9
NORTE INTERLIGADO	2.392	2.562	-6,6	17.332	17.091	1,4	30.138	29.344	2,7
NORDESTE	5.148	4.903	5,0	36.699	34.216	7,3	62.330	59.371	5,0
SUDESTE/C.OESTE	21.524	21.277	1,2	155.273	150.925	2,9	265.960	257.752	3,2
SUL	6.198	6.082	1,9	45.622	43.650	4,5	76.442	72.533	5,4
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.355	2.353	0,1	16.685	15.682	6,4	28.781	27.045	6,4
RESIDENCIAL	551	514	7,2	3.733	3.420	9,2	6.507	6.019	8,1
INDUSTRIAL	1.146	1.216	-5,8	8.441	8.168	3,3	14.498	13.863	4,6
COMERCIAL	337	313	7,7	2.325	2.052	13,3	3.990	3.587	11,2
OUTROS	320	310	3,4	2.187	2.041	7,2	3.786	3.577	5,8
NORDESTE	6.077	5.937	2,4	43.507	41.130	5,8	74.292	71.285	4,2
RESIDENCIAL	1.689	1.639	3,0	12.371	11.652	6,2	20.881	19.747	5,7
INDUSTRIAL	2.391	2.475	-3,4	16.695	16.491	1,2	28.944	28.899	0,2
COMERCIAL	911	843	8,0	6.714	6.155	9,1	11.321	10.526	7,6
OUTROS	1.087	979	10,9	7.727	6.831	13,1	13.145	12.113	8,5
SUDESTE	18.747	18.732	0,1	136.132	133.604	1,9	233.196	228.075	2,2
RESIDENCIAL	4.830	4.785	0,9	35.846	34.724	3,2	60.471	58.450	3,5
INDUSTRIAL	8.310	8.522	-2,5	58.482	59.041	-0,9	101.822	102.433	-0,6
COMERCIAL	3.255	3.078	5,7	24.995	23.629	5,8	41.832	39.584	5,7
OUTROS	2.352	2.347	0,2	16.808	16.210	3,7	29.071	27.607	5,3
SUL	6.198	6.082	1,9	45.622	43.650	4,5	76.442	72.533	5,4
RESIDENCIAL	1.504	1.517	-0,9	10.938	10.472	4,5	18.206	17.464	4,2
INDUSTRIAL	2.606	2.575	1,2	18.037	17.674	2,1	30.985	30.201	2,6
COMERCIAL	1.022	961	6,3	8.050	7.444	8,1	13.245	12.208	8,5
OUTROS	1.066	1.029	3,5	8.597	8.059	6,7	14.006	12.659	10,6
CENTRO-OESTE	2.524	2.316	9,0	17.384	15.806	10,0	29.783	27.059	10,1
RESIDENCIAL	710	674	5,3	5.186	4.826	7,5	8.885	8.346	6,5
INDUSTRIAL	738	648	13,9	4.868	4.180	16,5	8.296	6.939	19,6
COMERCIAL	502	459	9,4	3.658	3.345	9,3	6.209	5.683	9,3
OUTROS	575	535	7,4	3.672	3.455	6,3	6.393	6.092	4,9

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica — Copam/EPE. Dados preliminares.



RESENHA Mensal do Mercado de Energia Elétrica

Presidente

Maurício T. Tolmasquim

Diretor de Economia da Energia e Meio Ambiente

Amílcar Guerreiro

Diretor de Energia Elétrica

José Carlos Miranda Farias

Diretor de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

Elson Nunes

Diretor de Gestão Corporativa

Ibanês Cassel

Coordenação Geral

Maurício T. Tolmasquim

Amílcar Guerreiro

Coordenação Executiva

Ricardo Gorini de Oliveira

Revisão Técnica

José Manuel David

Equipe Técnica

Carla da Costa Lopes Achão
(coordenação)

Jaine Venceslau Isensee

Leticia Fernandes R. da Silva

Luiz Claudio Orleans

Simone Saviolo Rocha

Comunicação e Imprensa

Oldon Machado